

“País estruturado” ajuda vocação, diz especialista

De Brasília

O bom desempenho do presidente Fernando Henrique Cardoso na cena internacional tem a ver com o fato de ele dominar cinco idiomas (inglês, francês, alemão, espanhol e italiano), além do português, e seu charme pessoal. Mas isso não seria suficiente para explicar o sucesso da diplomacia presidencial se, por trás de FH, não existisse um país com as dimensões do Brasil na economia e na geopolítica do planeta. “O presidente Fernando Henrique tem, em relação a seus antecessores, a vantagem de ter um país muito mais estruturado para apresentar ao mundo”, diz o diplomata Sérgio Danese, ministro-conselheiro da Embaixada do Brasil em Buenos Aires.

Danese escreveu “Diplomacia Presidencial” (TopBooks, 1999), rigorosa análise da ação diplomática dos presidentes brasileiros. Ele avalia que FH conseguiu retomar uma vocação perdida nos anos JK, o presidente que le-

vou os Estados Unidos a bancarem a Operação Pan-Americana, no final dos anos 50. Depois de JK, aponta Danese, a diplomacia presidencial teve seus momentos mais incisivos com Ernesto Geisel (1974/1979), que deslocou para a Europa (Alemanha e Inglaterra) o eixo das relações brasileiras, que privilegiavam os Estados Unidos, e José Sarney, que construiu o Mercosul.

“José Sarney tinha vocação para as reações internacionais, mas não teve as mesmas condições de Fernando Henrique para exercitá-la”, diz o diplomata. “Fernando Henrique, além de sua vocação pessoal para a diplomacia, teve um novo projeto de país para apresentar ao mundo”. Sarney esbarrou na instabilidade econômica, assim como os presidentes militares enfrentaram resistências políticas.

A “combinação feliz”, de um presidente que foi chanceler com um país que alcançou estabilidade e abriu a economia explica o sucesso de FH, segundo Danese.

Na avaliação do diplomata, o próximo presidente da República, seja quem for, será avaliado pela dimensão que Fernando Henrique alcançou nas relações internacionais. “Depois de uma política externa errática, com Fernando Collor, ou acanhada, com Itamar Franco, que estava mais voltado para problemas internos, Fernando Henrique inovou em relação a Sarney e estabeleceu novo patamar.”

Em seu livro, Danese avaliza a tese de que a política exterior tem efeitos internos. É o que sustenta, também, o deputado Paulo Delgado (PT-MG), “chanceler” informal de seu partido. “Fernando Henrique utilizou suas viagens ao exterior, muitas vezes, para mandar recados ao público interno no Brasil”, diz Delgado. “Fernando Henrique utiliza esse caminho da diplomacia de cúpula, superdimensionando os interesses nacionais no mundo. Busca, assim, fortalecer sua posição interna, oferecendo outro ângulo de seu perfil”. (RA)



Fernando Henrique e Ruth Cardoso desembarcam na Ucrânia, um dos 44 países visitados em dois mandatos